

Um bate-bola de notáveis em entrevista inédita com o senador Darcy Ribeiro

Callado, Houaiss e Niemeyer sabatinam o inventor dos Cieps, morto em fevereiro

Daniela Name

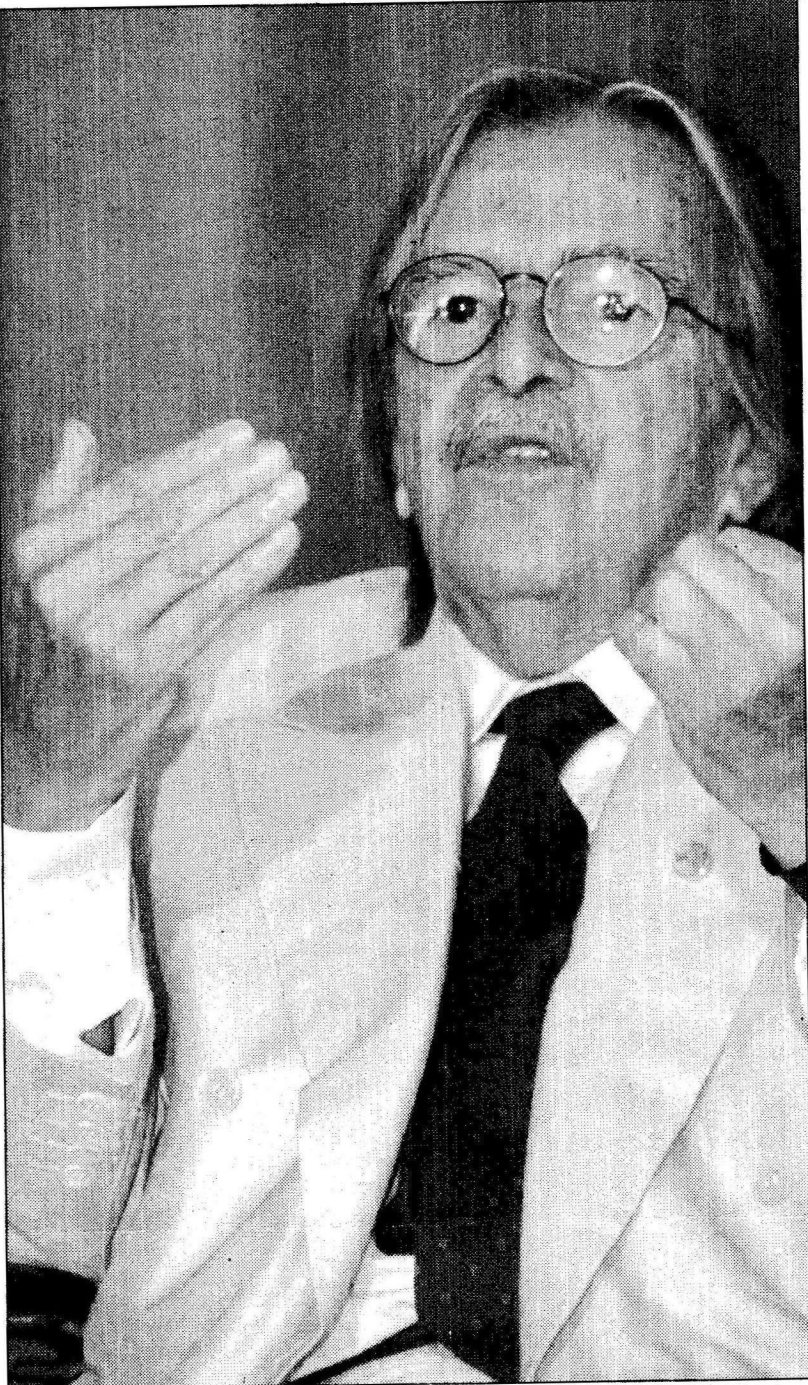
Darcy Ribeiro fazia charme e se cercava de um batalhão de secretárias treinadas como cães de guarda para administrar o enxame de repórteres que ligava diariamente para seu apartamento em Copacabana. Mas o senador e antropólogo, que morreu em fevereiro deste ano, considerava as entrevistas uma atividade tão importante e corriqueira quanto a escrita. Darcy dominava os repórteres com a mesma energia que galanteava mulheres. Nada mais natural, portanto, que tenha conseguido desconcertar uma mesa composta pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o jornalista Zuenir Ventura, os escritores Antonio Callado, Antônio Houaiss e Eric Nepomuceno e o cineasta Zelito Viana. Capitaneados pelo editor Renato Guimarães, da Revan, o time improvisado de repórteres se reuniu em outubro de 1995, na cobertura de Niemeyer, com a missão de sabatar Darcy para um livro de entrevistas. O resultado é o livro "Mestiço é que é bom", que chega às livrarias na semana que vem.

— Nossa idéia inicial era fazer uma segunda sessão de perguntas, em que Darcy comentaria sua ligação com Jango, Brizola e o PDT — conta o editor Renato Guimarães, mediador da mesa-redonda. — Mas o estado de saúde dele foi se agravando e este segundo encontro nunca saiu. Depois da morte do senador, os outros participantes da conversa me convenceram que, mesmo com a lacuna, o material valia a pena.

Entrevista fala sobre a infância e a namorada prostituta

Vale mesmo. Não só pelo ineditismo de alguns assuntos, mas também pela inteligência de perguntas e respostas. Darcy fala não só de velhos temas, como a atividade com os índios, mas também dos personagens que povoavam a cidade mineira de Montes Claros de sua infância. Um deles era sua avó Deolinda:

"A morte dela foi um caso. Porque a minha vó Deolinda ia morrer e não morria porque não tinha força para morrer. Tocavam todos os sinos todos os dias e a velha não morria. O padre já tinha dado a extrema unção, veio o Bispo que tem mais prestígio com Deus, e ela não morreu (...). Uma hora, ela disse: — Não quero ficar junto dele.



O ANTROPÓLOGO DARCY Ribeiro: entrevista inédita aborda amores e política

Ele era o marido dela, com quem ela tinha vivido 40 anos, de quem tinha tido oito filhos, que estava morto e enterrado no cemitério fazia muito tempo."

O caso lembra a luta do próprio Darcy contra o câncer — foram mais de 20 anos vencendo a doença. E o livro todo chama a atenção para o ótimo contador de histórias que era o senador. Bem humorado, ele lembra o primeiro amor, aos 14 anos. Ela era uma prostituta de Montes Claros e se chamava Almerinda ("Era bonita, alta, mandona e queria me dar dinheiro"). Ele conta ainda que a paixão pelas "meninas" continuou na vida adulta. Junto com João Goulart e Niemeyer, chegou a jantar com prostitutas num hotel da Champs Elysées, em Paris.

"Como dizia Antonio Cândido, o Darcy é um dos raros brasileiros que possuíram um pensamento original", escreve Zelito Vianna num dos textos do posfácio. "Algumas tardes na Avenida Atlântica com Darcy, no apartamento dele, foram para mim como bordunadas firmes no meio da testa e abriram definitivamente minha cabeça".

Ferreira Gullar também lembra o amigo inquieto, que, durante o encontro, muitas vezes fez mais perguntas do que respondeu:

— Ele era secretário de Cultura quando, num belo dia, me encontrou na Avenida Rio Branco e saiu me arrastando pelo braço. Quando dei por mim estava numa solenidade, na estação do metrô do Largo da Carioca, inaugurando junto com ele o Salão Estadual de

DARCY — A primeira namorada, o primeiro amor mesmo que eu tive foi com uma puta, Almerinda. Uma puta bonita, alta, mandona e que queria me dar dinheiro.

ZELITO — Em Belo Horizonte? Em Montes Claros, eu tinha 14 anos. Ela marcava comigo, de três às quatro e meia eu podia chegar lá, depois eram os clientes. Primeiro, ela tinha que descansar e tomar banho. Eu chegava, ela tinha tomado banho, estava toda cheia de pó-de-arroz, ficava toda pó-de-arrozada.

ZUENIR — Mas os puteiros de Minas Gerais são famosos.

DARCY — Montes Claros é que exportava puta. Aquelas putas espanholas de Belo Horizonte eram todas de Montes Claros, aprendiam a falar a língua complicada, enrolavam os cabelos. Porque Montes Claros foi, por mais de 30 anos, ponta de linha. Como era um empório, os vaqueiros que iam levar o rebanho tinham (...) que descansar. Tinha umas duas mil putas numa cidade pequeninha.

ANTONIO CALLADO — Duas mil putas? Tinha mais puta que senhora, lá.

DARCY — Mineiro gosta muito, gaúcho também. (...) O Jango até almoçou com o Oscar, comigo e com uma puta num hotel dos Champs Elysées. O Jango (...) gostava dela. Era uma coisa incrível, na nossa cabeça, porque se você se apegava a uma mulher, você fica com ela para você. Mas, quando ele voltava, a devolvia para a putaria.

Trechos de "Mestiço é que é bom"

Artes Plásticas. E ainda tive que discursar. Ele era assim, sedutor, atento para cada coisa e capaz de virar o mundo de cabeça para baixo para realizar o que queria.

"Mestiço é que é bom" também encanta pelo bate-bola entre o entrevistado e Antonio Callado sobre os índios. O autor de "Quarup" conta que respeitou o código de ética do trabalho de campo, estabelecido pelos irmãos Villas Bôas, e não se envolveu com nenhuma índia do Xingu. O namorado Darcy, é claro, não fez o mesmo, pedindo aos caboclos para orientá-lo em "fugidinhas" para a tribo vizinha. O livro editado pela Revan traz ainda um caderno com fotos da entrevista e fotos de Darcy em várias fases de sua carreira, além de uma seleção com as melhores frases do senador. ■